

O Brevo

Difusão do Espiritismo Religioso - Órgão da Aliança Espírita Evangélica - Fraternidade dos Discípulos de Jesus

ANO XIV

São Paulo, Janeiro de 1988

N.º 167

Coração do Mundo

Valentim Lorenzetti

Há uma promessa, no dizer do espírito Humberto de Campos ("Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho"), de que o Brasil pode transformar-se numa nação-modelo de espiritualidade, a semente da regeneração que deve espalhar-se pelos demais países do planeta. Segundo o autor espiritual, Jesus teria afirmado que aqui plantaria a árvore de seu Evangelho.

Se o Mestre efetivamente fez esta afirmação, a árvore do Evangelho foi aqui plantada. Como o fora, antes, na China, na Índia, na Palestina, em Roma. Estas coletividades, porém, não se revelaram bons jardineiros ou lavradores, e deixaram a árvore sem condições de frutificar. E árvore que não dá frutos por culpa do campo, é transplantada para outros campos em busca de lavradores mais responsáveis.

Jesus está sempre oferecendo aos homens a oportunidade de fazer frutificar a árvore do Evangelho. A árvore é sempre uma oferta do Mestre para a boa-vontade dos homens. Os homens têm plena liberdade de cultivar ou não essa árvore de potencialidades regeneradoras.

O Brasil, portanto, pode ser mais uma esperança. Ora, essa esperança pode ou não concretizar-se, dependendo de como os homens fizeram uso de seu livre-arbítrio. A árvore do Evangelho não é uma imposição, nem um presente que frutifica sem trabalho. É uma oferta de trabalho, muito trabalho. O Brasil, em termos geográficos, faz parte do Novo Mundo, das últimas terras descobertas pelos chamados homens civilizados. Acontece que esse "novo mundo" foi rapidamente envelhecido pela influência dos vícios do "velho mundo", como o próprio Humberto de Campos narra no citado livro.

O que se nota, entretanto, é a existência de "ilhas" de "novos mundos" dentro dos velhos arcabouços. Aqui e em outros países do planeta. Essas ilhas, representadas por homens ou coletividades, são os trabalhadores da última hora que estão cultivando a árvore do Evangelho. Trabalhadores pertencentes a credos diversos, a religiões inúmeras, porém portadores de

Novos Discípulos

No dia 19 de dezembro, 109 servidores de grupos integrados ao programa da Aliança ingressaram na FDJ — Fraternidade de Discípulos de Jesus, em cerimônia simples e saturada de vibrações harmoniosas, realizada no CEAÉ-Genebra, em São Paulo.

Numerosos discípulos fizeram questão de fazer uso da palavra, para transmitir a emoção que sentiam no momento, bem como para dar testemunho das transformações que perceberam em si mesmos na Escola de Aprendiz de Evangelho.

O companheiro Jacques, diretor geral da Aliança, relembrou, na ocasião, alguns dos ensinamentos do comandante Edgard Armond. Entre estes, deu destaque ao que Armond considerava o exemplo de discípulo de Jesus: Paulo de Tarso.

O Coral da Aliança contribuiu para completar a harmonização do ambiente, interpretando diversas músicas de cunho elevado, encerrando com a música "Quanta Luz", de Cinira Pinto.

Da mensagem do Plano Espiritual, recebida pela médium Soledad Coutinho, podemos destacar os seguintes ensinamentos aos novos Discípulos:

- Como aprendizes eternos, devem sempre empunhar o bastão do trabalho, exemplificando o Evangelho para servir de modelo ao irmão necessitado.
- Exercitar a compreensão fraternal, para que possam iluminar o coração dos homens.

uma característica comum: a abertura para os sentimentos de solidariedade e de cooperativismo.

A árvore do Evangelho é uma oferta em aberto. Quem a sentir em seu próprio coração, pelo trabalho incessante de reforma íntima, será um bom lavrador a oferecer frutos evangelizados a seus irmãos planetários. A Doutrina Espírita é uma boa ferramenta; quem possui a árvore, mais essa ferramenta, porém não se aplica a manejar o solo deixando a árvore estéril, não tem desculpas a dar ao Senhor da Gleba por causa dos frutos que não produziu.

- Lembrar que a luta do cristão é interior, consigo mesmo, nutrindo no coração a felicidade de servir a Jesus.
- A vivência do discípulo é representada por aqueles momentos alegres em que nos dispomos a sustentar pela mão o nosso irmão caído.

Quem ingressou

CENTRO ESPÍRITA IRMÃO TIMÓTEO — SÃO VICENTE

Dirce Yolanda Pincella, Dionísia Freire Cardeal, Ermelinda de Araújo Brandão, Georgina Gonçalves Correa, Lázara Divina Oliveira, Lourdes Garcia Sarzano e Selma Maria Ferreira Lima.

CENTRO ESPÍRITA NOSSO LAR

Atanael José Sobrinho.

CENTRO ESPÍRITA REDENÇÃO — ARARAQUARA

Alice Androukowitz, Cecília dos Santos Basile, Celso Paulo Leite, João Ferreira da Silva, Laurindo de Lazari, Maria Inês Tellaroli, Sebastiana Antunes da Silva, Sylvania Maria Ellero, Tereza Ferreira Ferraço, Zelita Negreiro Bonazzi e Zilda Cardoso Dias.

CENTRO ESPÍRITA FRANCISCO DE ASSIS — SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Antonio Sérgio de Oliveira Baguara, Cid Augusto Camera de Mello, Fernando Aguiar, Irene Joana da Anunciação, Juracy de Oliveira Lino, Lenita da Silva, Lúcia Helena Dybal, Márcia Aguiar, Maria das Dores Dias de Oliveira, Maria de Fátima Lima, Maria José Reis Scacchetti, Neide Antônia Faria dos Santos, Ricardo Diogo Nicolau, Rosa Maria Antonieta Fida Ferrada, Sônia Aparecida Moreira Fernandes dos Santos, Vilson José Scacchetti, Ivonne Rosas de Almeida e Mônica Ribeiro Carrera Fernandes.

CENTRO ESPÍRITA REDENTOR — SANTO ANDRÉ

Ângela Cristina Tavares, Elisa Garcia Madaleno, Elcio Cintas Ruiz, Humberto Galvani, Maria Regina Ponce da Silva, Maria de Lourdes C. Cardoso, Rosa Stanganelli da Silva e Sandra Pissuto.

CENTRO ESPÍRITA APRENDIZES DO EVANGELHO — LONDRINA

José Carlos Araújo, Rosângela Radis e Mirosława Rozinski.

CENTRO ESPÍRITA APRENDIZES DO EVANGELHO — CARAGUATUBA

Antônio Ruffo, Beatriz de Jesus Ruffo, Maria das Dores Souza, Mariângela Alves Correa de Camargo, Maria Rosa Xavier Martins, Parthenop Parodi, Zilda Barbetto dos Santos Barrozo e Merly Maria Salles Costa.

CASA DE TIMÓTEO — SÃO BERNARDO DO CAMPO

Ana Nogueira, Ana Aparecida S. Sgrignoli, Ana Sariev, Dirce Campos Nascimento, Edith Rosa Nobre Bueno, Magali Aparecida Ometto, Maria Helena de Almeida Ribeiro, Maria Perche de Paula, Vanda da Silva Ramos e Vania Sgrignoli Zardo.

CENTRO ESPÍRITA APRENDIZES DO EVANGELHO — GENEBRA

Ana Maria dos Santos, Ayrton Vieira, Caionir Pedro da Silva, Cecília T. I. da Silva, Genir Paganisse Ternel, Gicelda Vitela Petrole, Dolores Siqueira Penque, Dulcelina Fernandes Cardoso, Luiza Maria da Conceição, Irene Kucicho Ishimine, Ivone Fregni, Irani Faria Vieira, Johnson Rossine Gonçalves Maia, Luiz Negri Neto, Ilva Dario, Maria Sônia Ferreira de Almeida, Maria Geralda Chaves de Carvalho, Maria Aparecida Navarro, Maria Socorro Marques, Onner Renno, Renata Uruglan Bonfim, Roberto Joaquim Santiago, Vilma G. Oliveira da Silva, Walter N. Pestana Silva, Yara Silva Leme e Zuleica Marin Cerreti.

CENTRO ESPÍRITA APRENDIZES DO EVANGELHO — MANCHESTER

Iolanda do Nascimento Marcelino, Izabel C. Araújo Lima, José Dias Santistevan, Luiz Balaba e Tereza E. Medeiros.

CENTRO ESPÍRITA APRENDIZES DO EVANGELHO — RIBEIRÃO PRETO

Aldiva Maurin, Elza Dias de Souza, Eunice de Souza, João Gonçalves de Moraes, José Alexandre Machado, Maria Bertolino Silveira, Maria Aparecida Bonfim, Marian Farnochi, Nair Altino Garja Chekerdeman, Sandra Garcia de Nicola e Vera Lúcia Faleiros de Paiva.

CENTRO ESPÍRITA DISCÍPULOS DE JESUS

Mônica Del Pino.

Frequência Passiva

O jornal "Alavanca", de Campinas, edição de dezembro de 1987, traz artigo cujo autor demonstra preocupação em darmos a entender à massa freqüentadora do Centro Espírita que Espiritismo é mais uma religião que garante a seus seguidores a salvação pela simples aceitação dos seus ensinamentos e o comparecimento passivo às reuniões.

Antes de transcrever, na íntegra, referido artigo (sob o título: "Espíritas e Freqüentadores de Centros"), achamos importante fazer algumas considerações. É muito oportuno o alerta contido no referido artigo, pois, pela lei do menor esforço, o homem tende a seguir ensinamentos que não lhe exijam modificações no agir, no pensar e no sentir.

Diante dessa possibilidade, de freqüência passiva ao Centro Espírita, o programa da Aliança é um dos instrumentos que qualquer Centro pode adotar. Trata-se de programa dinâmico, que motiva o freqüentador a transformar-se em trabalhador.

A seguir, a íntegra do artigo:

A cada dia que passa, maior número de pessoas tem procurado os recursos do Espiritismo para a solução dos seus problemas mais aflitivos. Por isso, as sessões públicas freqüentemente estão repletas. Talvez um dos fatores que estão colaborando para isto seja a redução gradativa do preconceito que existia contra a Doutrina, graças à ampla divulgação através dos veículos de difusão.

Entretanto, continua reduzidíssimo o número dos que efetivamente trabalham na Seara do Mestre. A grande maioria se contenta em receber. São reconhecidos pelos benefícios recebidos e esperam continuar merecendo os recursos espirituais indefinidamente. Permanecem encantados com os ensinamentos consoladores do Espiritismo, com as maravilhas da mediunidade com Jesus, com a caridade praticada na Seara ou mesmo com os próprios médiuns. Contentam-se com a adoração passiva que tem sido a sua atitude característica há séculos.

Podemos, pois, dividir os assistentes das instituições espíritas em dois grupos: um, reduzido, que se desdobra na execução das múltiplas tarefas, que precisam ser executadas, e outro, numeroso, que se limita a receber acreditando que o céu que não conseguiu conquistar freqüentando os templos tradicionais, pode obtê-lo, agora, a expensas da amizade dos Espíritos Superiores.

Como despertar esta grande multidão que dorme? Como fazê-la passar da inatividade para a luta constante e efetiva na seara do Bem? Como levá-la a entender que a Doutrina é o roteiro que impulsiona o progresso espiritual, quando verdadeiramente vivida? Estarão sendo eficazes os métodos de estudo usados atualmente nos Centros?

É possível que as respostas a estas questões só apareçam depois de muita reflexão. Mas uma coisa é certa: a única solução é orientar os freqüentadores a conhecer a Doutrina Espírita com maior profundidade, a fim de que possam adotar os comportamentos que caracterizam os espíritas conscientes.

Se não tomarmos medidas urgentes, correremos o risco de permitir que o Espiritismo seja concebido, pela massa de freqüentadores que cresce dia a dia, como mais uma religião que garante aos seus seguidores a salvação pela simples aceitação dos seus ensinamentos e o comparecimento passivo às suas reuniões.

Hábito e Vício

Nazareno Tourinho

Segundo os dicionários da língua portuguesa, o vício é, em síntese, o uso costumeiro de toda e qualquer coisa que nos acarrete prejuízo.

Como os compêndios gramaticais e os tratamentos filológicos não enumeram os gêneros e graus dos males que os hábitos nocivos nos causam, a fim de podermos aquilatar desde quando e porque um costume passa a ser vício, ordinariamente interpretamos uma e outra coisa de modo inadequado, extemporâneo, mormente se o objeto de apreciação não está em nossa personalidade, mas na do próximo.

Sabedores, por exemplo, de que o álcool em grande ou pequena escala, concentrado na aguardente forte ou disfarçado nos coquetéis elegantes, é sempre corrosivo e venenoso, evitamos os aperitivos antes das refeições. Depois delas, porém, se a empregada tiver esquecido de preparar o tradicional cafezinho... explodimos; e junto com a serviçal repreendemos a esposa, gritamos com os filhos e levantamos da mesa agastados.

Cientes de que o jogo é uma paixão funesta que escraviza espíritas fracos, produzindo, não raro, a falência econômica e a ruína moral, abstermo-nos de todo entretenimento em família que dependa das cartas de um baralho ou de uma tábua de xadrez. Por distração, contudo, compramos um bilhete de loteria e torcemos nas partidas de futebol.

Recomendamos que os amigos deixem os cigarros e charutos, mas andamos com os bolsos permanentemente cheios de bombons e caramelos.

Estas contradições comprovam que, no capítulo dos vícios, não atentamos para aqueles que são puramente psicológicos, isto é, os que não se manifestam ostensivamente, por sinal os mais danosos.

Ora, na área de ação adstrita aos círculos mentais, também funcionam os reflexos condicionados.

Assim é que, diante do vizinho próspero, vemo-nos diminuídos e magoados...

frente às adversidades, temos ímpetos de nos revoltar contra tudo e contra todos...

em face da probabilidade de ganhar dinheiro, presumivelmente ilícito, sentimos que um impulso incoercível nos empurra de encontro à fortuna...

ante o arranhão do adversário, não controlamos o braço que se ergue maquinaalmente para o revide vingarador...

O assunto que engloba os conceitos de vício e de hábito é vasto e complexo, e só devemos esquadrihá-lo tendo em vista as necessidades próprias e não os defeitos dos semelhantes.

Mais lastimável do que incentivar o alcoolismo com a espuma da cerveja gelada, é estimular a inveja com o ácido da crítica maledicente.

Aquilo que em nós seria um vício talvez seja apenas um hábito em nós mesmos conhecidos. É difícil distinguir. De

qualquer maneira, seja hábito ou seja vício, o que não ignoramos é que o hábito de condenar os vícios alheios é um vício pouco habitual nas criaturas virtuosas.

(Do livreto **AIDS, Homossexualismo...**, da Gráfica e Editora do Lar/ABC do Interior).

FOTOGRAFIAS DE OBRAS ESPÍRITAS

A USE — União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (rua Dr. Gabriel Piza, 433, CEP 02036, São Paulo) pretende organizar uma exposição de fotografias de obras espíritas, bem como montar um audiovisual sobre o assunto, para ser exibido em locais públicos. Para tanto, precisa da cooperação de todos os centros espíritas. Podem ser enviadas fotos de Centros, Creches, Lares, Hospitais, etc. Fotografias internas e externas da obra, podendo aparecer pessoas discretamente. Deve-se evitar a tomada de foto de reunião mediúnica, pois haveria repetição de fotografias.

A USE pede que sejam enviados à sua sede os negativos acompanhados das respectivas cópias em tamanho 9 x 12 cm, escrevendo-se no verso os dados referentes à obra fotografada. A USE providenciará, gratuitamente, a ampliação das fotos, se necessário, bem como a produção de "slides" para montagem do audiovisual.

Trata-se de iniciativa que visa difundir a obra espírita, bem como motivar a comunidade a participar mais ativamente do serviço em benefício do próximo. A exposição deve ocorrer, inicialmente em São Paulo, em abril próximo.

NOTAS E INFORMAÇÕES

- A Federação Espírita de Goiás elegeu 1988 como o Ano da Promoção Social. Nesse sentido, está preparando o 1.º Encontro Estadual de Assistência e Promoção Espírita, a realizar-se de 13 a 16 de fevereiro, com o objetivo de rever as atividades desenvolvidas pelo setor.
- "A Feira dos Casamentos". É o novo livro de J.W. Rochester, traduzido por Hermínio C. Miranda, lançado recentemente pela Editora Espírita Correio Fraternal do ABC. Com 412 páginas, o livro remete o leitor à Rússia Imperial, marcada pela luxúria e corrupção.
- Está à venda o Boletim Médico Espírita n.º 5, editado pela Associação Médica Espírita de São Paulo (rua Maestro Cardim, 887, 1.º andar, CEP 01323, São Paulo). Esse Boletim contém uma análise do livro "Evolução em Dois Mundos", apresentada em ciclo de estudos pelo neurologista Paulo Bearzoti. Cada exemplar custa Cz\$ 220,00.

Opção Pelo Espírito

Luiz Signates

As necessidades humanas possuem grandes, e é comovedor assistir o avanço da movimentação espírita por atendê-las. Enquanto a caridade inspirar os seus adeptos, o Espiritismo estará com Jesus e seu sucesso permanecerá garantido.

O amparo ao sofrimento, porém, pelas entidades doutrinárias, não pode se limitar a objetivos puramente sócio-econômicos. Em outras palavras, o trabalho espírita não tem de imitar a "opção pelos pobres" de outros movimentos religiosos ou governistas. De maneira alguma a Doutrina Espírita "opta pelos pobres".

Quando se refere à caridade, o Espiritismo assume uma atitude universalista, aespacial e atemporal. Não discrimina, nem determina lugares, épocas ou condições. Por essa razão, embora reconheçamos nos problemas sociais questões urgentes da sociedade atual, não há como defender a adesão pura e simples do movimento ao trabalho prioritário de solucioná-los.

Levantamos o assunto, por haver quem pense que o Movimento Espírita é mais digno e mais formoso nas periferias e favelas. Questionamos profundamente a idéia de que as necessidades humanas — objetivo da caridade espírita — estão concentradas no meio dos marginalizados da vida social. Não há porque criticar os Centros Espíritas situados nas regiões centrais e bairros ricos, e cujos frequentadores tenham melhor poder aquisitivo. Esse tipo de visão surge influenciado pelas filosofias materialistas em voga e, embora inatacável em suas intenções, é extre-

mamente discutível quando a filosofia espírita é o móvel inspirador.

Respondamos, à luz de Jesus e Kardec: Quem é mais necessitado — o pobre, que luta pela sobrevivência em meio ao trabalho árduo, ou o rico, que destrói a oportunidade reencarnatória com os desvios morais que a fortuna propicia e mascara? O indigente, a esmolar maltrapilho; ou o milionário, enclausurado na concha oca do egoísmo? O menino de rua, analfabeto, viciado e vadio; ou o "filhinho de papa", instruído, mas igualmente viciado e vagabundo?

Difícil dizer. Por isso, o Evangelho veio para o cego Bartimeu, pedinte nas ruas da Galiléia, e para o rico Zaqueu, afortunado publicano de Jerusalém. Jesus abençoou o servo do Centurião com a mesma misericórdia com que amparou a Púbilus Léntulus Cornélius, o rico e o orgulhoso senador romano.

Talvez até a necessidade esteja mais entre os ricos do que entre os pobres. Nestes, a carência material suprime os erros e inibe as imperfeições; naqueles, as facilidades do dinheiro abrem campo à derrocada espiritual.

Ampliemos, portanto, nossa visão e convençamo-nos: a tarefa espírita é a de amparar os que sofrem e os que erram, esclarecendo-os espiritualmente. É a caridade maior, de que o mundo todo necessita — de Bangladesh à Suíça. E apenas o Espiritismo, até hoje, reúne as condições de praticá-la em sua inteireza. Porque "nem só de pão vive o homem". (Extraído de *Golias Espírita*, setembro/outubro, 1987)

A Missão do Médium, do Espírita e do Espiritismo

Walter Filgueiras

Todo ser neste planeta tem uma missão a cumprir, seja como pai, mãe, filho, irmão, enfim cada qual na posição que Deus lhe deu tem sua tarefa a desempenhar como meio para sua própria evolução. No entanto, podemos nos deixar levar ao sabor dos acontecimentos, "como folhas levadas pela água, ou podemos trabalhar com coragem e decisão", como nos diz Edgard Armond, no livro *Mediunidade*. E assim, na realidade, muitos entram e saem desta vida no planeta sem saberem bem o que vieram fazer aqui, perdidos como viajantes desprentosos a passearem sem rumo ou planos pré-estabelecidos. Claro está que dessa forma o aproveitamento é mínimo e mesmo duvidoso.

Isto nos leva a entender que é preciso ter-se um plano na vida. Pergun-

temos: O que vou fazer nesta existência? Vejam que não estamos discutindo aqui a reencarnação, pois nos é a pluralidade da existência um fato insofismável, que nos leva a reforçar a nossa fé, a nossa esperança, o nosso ânimo para construir um futuro melhor. Mas a reflexão é válida sobre a reencarnação, pois há muitos, e mesmo espíritas, que apesar de abraçarem a doutrina do Cristo e de Kardec, vivem como se fossem morrer realmente uma única vez. E tal não acontece. E aquele que convicto estiver sobre isso decidirá que pode planejar cada existência. Por exemplo: que faremos nesta? Reconciliaremos com um determinado irmão nosso? Ajudaremos a nossa família consanguínea? Amaremos o nosso marido, a nossa esposa? Amparemos os desvalidos? Venceremos o nosso orgulho?

É necessário ter-se tais objetivos pré-estabelecidos para se agir com firmeza, no sentido de vencer. Deus planejou cada detalhe da criação, tudo se encadela na natureza. Planejemos a nossa ação nesta existência.

Ressaltamos, ainda, que, conforme vemos nas obras doutrinárias, principalmente nas de André Luiz, recebidas através das abençoadas mãos de Chico Xavier, muitas vezes planejamos a nossa presente existência antes de reencarnarmos, no plano espiritual. Neste caso, o que necessitamos nem seria mesmo planejar como relatamos mais acima, mas simplesmente buscar a reflexão, a oração e a meditação, atitudes que fatalmente nos levarão a lembrar a que viemos neste planeta-escola.

Assim, vemos que cada um tem sua missão na terra. Porém, há aqueles que, além dessas missões de caráter pessoal, têm condições de outras tarefas. Tornam-se espíritas. Recebem muito desta doutrina maravilhosa. Aí a responsabilidade aumenta pois "a quem muito foi dado muito se exigirá", disse-nos Jesus. Neste caso devemos compreender que o Espiritismo é o Consolador Prometido; que Kardec é o explicador de Jesus, como nos diz Chico Xavier; que a doutrina espírita, segundo Cairbar Schutel "é a libertadora das consciências"; que este é um caminho sem volta. E, acima de tudo, que a humanidade sofre e anseia pelos ensinamentos de paz e amor do mestre Jesus e que a doutrina espírita é a didática mais adequada, no momento, para se ministrar tais ensinamentos.

Portanto ao espírita cabe a missão intransferível de divulgar a esperança, sem o direito de decepcionar aqueles que o aguardam como o trabalhador da última hora, como dito no Capítulo XX do Evangelho Segundo o Espiritismo, onde destacamos os seguintes chamamentos:

"Oh, verdadeiros adeptos do Espiritismo: vós sois os eleitos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora que deveis sacrificar os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas futilidades, à sua propagação. Ide e pregai. Os espíritos elevados estão convosco... "Ide, que Deus vos conduz! Homens simples e ignorantes, vossas línguas se soltarão, e falareis como nenhum orador sabe falar. Ide e pregai, que as populações atentas receberão com alegria as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz".

Quando falamos da divulgação da doutrina, devemos estar preparados para entender a incompreensão alheia, a ingratidão, as nossas próprias imperfeições e que, acima do "falar bonito" e dos grandes fenômenos mediúnicos, deve existir o nosso exemplo pessoal no esforço para nos transformarmos moralmente. A propósito, diz-nos Emmanuel (perguntas 211 e 212 do livro **O Consolador**):

"Vale mais o trabalhador que passa a vida inteira no amanho da terra do que os artistas de inteligência viciada"...

"A expressão da intelectualidade vale muito, mas não pode prescindir dos valores do sentimento".

E, ainda, com referência à divulgação, lembramos as palavras do Dr. Jarbas Leone Varanda, citadas pelo irmão Adelino da Silveira, no livro "Chico, de Francisco":

"O Espiritismo é para o povo, devemos estudar com as massas, dialogar sobretudo com os mais humildes social e intelectualmente. Com compreensão e fraternidade. Evitar o excesso de rigorismo de suposta pureza doutrinária, de formalismo por parte daqueles que são responsáveis pelas nossas instituições e a preocupação excessiva com a parte material das instituições".

Portanto, cabe ao espírita, acima de se dizer cristão, ser cristão; ser o fermento consciente que — apesar de saber-se apenas uma pitada solitária em meio a uma grande quantidade de outros ingredientes — levedará a massa que sofre, fazendo-a crescer e crescendo junto com ela.

Deus nos ajude para tanto.

CE REDENÇÃO ARARAQUARA

Envia-nos o CE Redenção, de Araraquara, seu programa de atividades gerais para 1988:

15 e 16 de janeiro — curso para dirigentes de Escolas de Aprendizes; dias 8, 15, 22 e 29 de março — curso de passes; 1 e 2 de abril, curso para evangelizadores; de 5 de abril a 24 de maio, em reuniões semanais, reciclagem de trabalhadores; 7, 14, 21 e 28 de junho — curso de passes; 5, 12, 19 e 26 de julho — curso de expositores; de 2 a 23 de agosto e de 4 a 25 de outubro, em reuniões semanais, reciclagem de trabalhadores; dias 8, 15, 22 e 29 de novembro, curso de passes.

LUBRIFICANTE NA CERVIZ

Gil Restani de Andrade, de Belo Horizonte

A prescrição sétima do Espírito José Grosso, constante de sua "Receita Para Melhorar", ditada ao "Homem — Amor" Chico Xavier, em julho de 1948, no Centro Espírita Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo — MG, é: "Lubrificante na Cerviz".

A cerviz é nosso pescoço, cuja função corporal tem grande significado,

mas, espiritualmente, responsabilidade extrema.

Se os movimentos da cerviz, corporalmente, dão ênfase às posições de anuência e discordância, é por meio dela que o perispírito está jungido aos Centros Vitais Coronário e Cerebral daí, as dores na nuca, tão características da influência exercida por espíritos menos felizes do Plano Maior da Vida.

Ao observarmos os costumes de civilizações muito antigas e mesmo nos dias de hoje, verificamos que a cerviz abaixada sempre significou sinal de respeito, submissão, desânimo, arrependimento, culpabilidade ou a característica de pessoas de caráter humilde ou tímido. Respeito e submissão, diante de potestades e autoridades; desânimo e arrependimento, quando do fracasso diante de intentos na vida próprios ou de entes queridos; culpabilidade, porque sendo os olhos o "espelho da alma", a cerviz baixa é o movimento instintivo de quem procura eximir-se de responsabilidades a humilde característica dos simples e a timidez, também dos simples mas extensiva aos dissimulados diante de situações que lhes sejam estranhas ou que lhes causem temor.

Já o levantar-se da cerviz, inversamente, significa poder, orgulho, egoísmo, vaidade, "status social", autoconfiança e coragem. É característica dos "vencedores" e dos vitoriosos, aqui entendidos os vencedores como os bafejados por Mamom e os vitoriosos como os que lograram superar suas próprias deficiências morais e podem enfrentar-se, a si próprios, consciencialmente, sem receios. O orgulho e o egoísmo quando associados ao poder, têm como resultante o megalômano; o "status social" nunca deixa de estar associado à ambição e à vaidade; a autoconfiança pode ensejar resultantes positivas comportamentais, mas sempre dependentes do "vigiai e orai", para não transformar-se em ego centrismo; a coragem é própria dos impensados, quando não raciocinada e dos intimoratos quando meditada e posta em ação a benefício de outrem.

O "Lubrificante na Cerviz" lembra-nos, de maneira límpida, o ensinamento do Mestre: "Seja o vosso dizer sim, sim; não, não." (Mateus — Cap. V; v. 37). A impressionante facilidade de deslocamento de um a outro lado do mundo, em nossos dias, facilitou a aproximação de culturas, raças e povos de costumes tão estranhos e diversos que mesmo a imaginação mais fértil teria dificuldade de conceber. Em paralelo, porém, as viciações, os desvios de toda ordem passaram a ser também intercambiáveis. É nesse ponto que funciona a indicação do querido José Grosso.

Estejamos sempre com a nossa cerviz lubrificada, para que, diante das circunstâncias, oportunidades e dificuldades de nossa presente encarnação optemos, sempre, se possível, pela sua correta postura e adequados acenos, positivos ou negativos, em consonância com os ensinamentos morais do Evangelho de Jesus.

As Ações Humanas

Allan Kardec

A questão do livre-arbítrio se pode resumir assim: O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir. Assim, o livre-arbítrio existe para ele, quando no estado de Espírito, ao fazer a escolha da existência e das provas e, como encarnado, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que todos nos temos voluntariamente submetido. Cabe à educação combater essas más tendências. Fa-lo-á utilmente, quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene.

Desprendido da matéria e no estado de erraticidade, o Espírito procede à escolha de suas futuras existências corporais, de acordo com o grau de perfeição a que haja chegado e é nisto, como temos dito, que consiste sobretudo o seu livre-arbítrio. Esta liberdade a encarnação não a anula. Se ele cede à influência da matéria, é que sucumbe nas provas que por si mesmo escolheu. Para ter quem o ajude a vencê-las, concedido lhe é invocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos.

Sem o livre-arbítrio, o homem não teria nem culpa por praticar o mal, nem mérito em praticar o bem. E isto a tal ponto está reconhecido que, no mundo, a censura ou o elogio são feitos à intenção, isto é, à vontade. Ora, quem diz vontade diz liberdade. Nenhuma desculpa poderá, portanto, o homem buscar, para os seus delitos, na sua organização física, sem abdicar da razão e da sua condição de ser humano, para se equiparar ao bruto. Se fora assim quanto ao mal, assim não poderia deixar de ser relativamente ao bem. Mas, quando o homem pratica o bem, tem grande cuidado de averbar o fato à sua conta, como mérito, e não cogita de por ele gratificar os seus órgãos, o que prova que, por instinto, não renuncia, mau grado à opinião de alguns sistemáticos, ao mais belo privilégio de sua espécie: a liberdade de pensar.

A fatalidade, como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os sucessos da vida, qualquer que seja a importância deles. Se tal fosse a ordem das coisas, o homem seria qual máquina sem vontade. De que lhe serviria a inteligência, desde que houvesse de estar invariavelmente dominado, em todos os seus atos, pela força do destino? Semelhante doutrina, se verdadeira, conteria a destruição de

toda liberdade moral; já não haveria para o homem responsabilidade, nem, por conseguinte, bem, nem mal, crimes ou virtudes. Não seria possível que Deus, soberanamente justo, castigasse suas criaturas por faltas cujo cometimento não dependera delas, nem que as recompensasse por virtudes de que nenhum mérito teriam. Demais, tal lei seria a negação da do progresso, porquanto o homem, tudo esperando da sorte, nada tentaria para melhorar a sua posição, visto que não conseguiria ser mais nem menos.

Contudo, a fatalidade não é uma palavra vã. Existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí desempenha, em consequência do gênero de vida que seu Espírito escolheu como **prova, expiação ou missão**. Ele sofre fatalmente todas as vicissitudes dessa existência e todas as **tendências** boas ou más, que lhe são inerentes. Aí, porém, acaba a fatalidade, pois da sua vontade depende ceder ou não a essas tendências. **Os pormenores dos acontecimentos, esses ficam subordinados às circunstâncias que ele próprio cria pelos seus atos**, sendo que nessas circunstâncias podem os Espíritos influir pelos pensamentos que sugiram.

Há fatalidade, portanto, nos acontecimentos que se apresentam, por serem estes consequência da escolha que o Espírito fez da sua existência de homem. Pode deixar de haver fatalidade no resultado de tais acontecimentos, visto ser possível ao homem, pela sua prudência, modificar-lhes o curso. **Nunca há fatalidade nos atos da vida moral.**

No que concerne à morte é que o homem se acha submetido, em absoluto, à inexorável lei da fatalidade, por isso que não pode escapar à sentença que lhe marca o termo da existência, nem ao gênero de morte que haja de cartar a esta o fio.

Segundo a doutrina vulgar, de si mesmo tiraria o homem todos os seus instintos, que, então, proviriam, ou da sua organização física, pela qual nenhuma responsabilidade lhe toca, ou da sua própria natureza, caso em que lícito lhe fora procurar desculpar-se consigo mesmo, dizendo não lhe pertencer a culpa de ser feito como é. Muito mais moral se mostra, indiscutivelmente, a Doutrina Espírita. Ela admite no homem o livre-arbítrio em toda a sua plenitude e, se lhe diz que, praticando o mal, ele cede a uma sugestão estranha e má, em nada lhe diminui a responsabilidade, pois lhe reconhece o poder de resistir, o que evidentemente lhe é muito mais fácil do que lutar contra a sua própria natureza. Assim, de acordo com a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre cerrar ouvidos à voz oculta que lhe fala no íntimo, induzindo-o ao mal, como pode cerrá-

los à voz material daquele que lhe fale ostensivamente. Pode-o pela ação da sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e reclamando, para tal fim, a assistência dos bons Espíritos. Foi o que Jesus nos ensinou por meio da sublime prece que é a **Oração dominical**, quando manda que digamos: "Não nos deixes sucumbir à tentação, mas livra-nos do mal."

Essa teoria da causa determinante dos nossos atos ressalta com evidência de todo o ensino que os Espíritos dão. Não só é sublime de moralidade, mas também, acrescentaremos, eleva o homem aos seus próprios olhos. Mostra-o livre de subtrair-se a um jugo obsessivo, como livre é de fechar sua casa aos importunos. Ele deixa de ser simples máquina, atuando por efeito de uma impulsão independente da sua vontade, para ser um ente racional, que ouve, julga e escolhe livremente de dois conselhos um. Aditemos que, apesar disto, o homem não se acha privado de iniciativa, não deixa de agir por impulso próprio, pois que, em definitivo, ele é apenas um Espírito encarnado que conserva, sob o envoltório corporal, as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito.

Consequentemente, as faltas que cometemos têm por fonte primária a imperfeição do nosso próprio Espírito, que ainda não conquistou a superioridade moral que um dia alcançará, mas que, nem por isso, carece de livre-arbítrio. A vida corpórea lhe é dada para se expungir de suas imperfeições, mediante as provas por que passa, imperfeições que, precisamente, o tornam mais fraco e mais acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que delas se aproveitam para tentar fazê-lo sucumbir na luta em que se empenhou. Se dessa luta sai vencedor, ele se eleva; se fracassa, permanece o que era, nem pior, nem melhor. Será uma prova que lhe cumpre recomeçar, podendo suceder que longo tempo gaste nessa alternativa. Quanto mais se depura, tanto mais diminuem os seus pontos fracos e tanto menos acesso oferece aos que procurem atraí-lo para o mal. Na razão de sua elevação, cresce-lhe a força moral, fazendo de dele se afastem os maus Espíritos.

Todos os Espíritos, mais ou menos bons, quando encarnados, constituem a espécie humana e, como o nosso mundo é um dos menos adiantados, nele se conta maior número de Espíritos maus do que de bons. Tal a razão por que aí vemos tanta perversidade: Façamos, pois, todos os esforços para a este planeta não voltarmos, após a presente estada, e para merecermos ir repousar em mundo melhor, em um desses mundos privilegiados, onde nos lembraremos da nossa passagem por aqui, senão como de um exílio temporário.

(De O Livro dos Espíritos, cap. 10)

O Grande Ensino de Dona Minhoca

Dona Minhoca, morando debaixo da terra, seu trabalho era fazer mini-túnel. E quanto mais túneis fazia, mais a terra podia respirar. Mas ela não ficava só debaixo da terra, vinha também à superfície. E quando saía dos túneis, usava óculos escuros e guarda-sol, porque lá era escuro e úmido. Como passava a maior parte do tempo ali, ao sair precisava proteger-se da claridade e do calor do sol que machucava seus olhinhos e aquecia sua cabeça.

Certo dia, estava saindo para passear, toda de salto alto, lenço no pescoço, óculos escuros em colorido guarda-sol, quando encontrou o Formigão, e este a cumprimentou:

— Bom dia, dona Minhoca!
— Bom dia, Formigão!

Mais adiante deparou com dona Joaninha e seus três filhinhos. E carinhosamente a cumprimentou:

— Bom dia, dona Joaninha!
— Bom dia, dona Minhoca! Mas onde vai assim tão apressada?

— Vou visitar dona Borboleta. Machucaram-lhe as asas. Vou ver se precisa de alguma coisa. Pobre Borboleta! É tão só.

— Como a senhora é generosa! Está sempre indo em socorro de quem precisa.

Respondeu dona Minhoca:

— Aprendi com minha mãe. Ela sempre me falava "Filhinha, se você quer ser feliz, faça o bem." "Ninguém chega a Deus, sem servir ao próximo".

Logo a seguir despediram-se. Cada qual foi para um lado. Dona Joaninha olhando para seus filhinhos, começou ficar preocupada com a felicidade deles. Precisava com urgência, ensiná-los como fazer o bem. Eram ainda tão pequeninos, mas é nessa idade que devo iniciar a cultivar o bem nesses coraçõezinhos. Chamou-os e disse:

— Filhos, levem ao Nhonhô Sapo estes bolinhos. Conversem um pouquinho com este ancião doente e solitário. Ele está precisando de alguém que o ame.

No outro dia:

— Vão até a casa de dona Mariposa. Ela trabalha dia e noite sem parar. Sua família é numerosa. Perguntem a ela se há algo em que possam ajudar.

E assim, dona Joaninha foi ensinando seus filhos a serem solidários. A alegria reinava naqueles coraçõezinhos.

Certa vez estava dona Joaninha passando com seus filhinhos quando encontrou dona Águia, que lhes disse:

— Dona Joaninha, a senhora está educando bem seus filhos. Daqui do alto, voando pelos ares, observo quanto eles são generosos.

— Sabe amiga Águia. Aprendi uma grande lição com dona Minhoca. Disse-me ela certa vez, que para a gente ser feliz, precisa fazer o bem. Que ninguém chega a Deus, sem servir ao próximo.

— Grande ensinamento — disse dona Águia. A senhora é sábia em ensinar já na infância, seus filhos a serem felizes. Serem bons, generosos.

Dona Águia como não tinha filhos, passou a se preocupar com todos os pequeninos daquela redondeza, espalhando a todas as mães, este ensi-

namento de dona Minhoca. Alçando vôo, por onde passava transmitia a elas, este grande ensinamento: "Para ser feliz é preciso fazer o bem. Ninguém chega a Deus, sem servir ao próximo." Ah! Se todas as crianças aprendessem este ensinamento o mundo seria melhor, refletia dona Águia.

Dona Águia, a Brisa e as Florzinhas

O dia amanheceu com o céu muito límpido. A atmosfera era agraciada por uma gaivota branquinha que voltava calmamente sem deixar-se influenciar com as vibrações confusas do mundo. Ela era equilibrada, procurava fazer o bem e isto lhe criava uma atmosfera protetora.

Voando lá no alto Dona Águia ia baixando seu vôo cada vez mais até que pousou no galho mais baixo de uma frondosa árvore. Ali ficou para descansar um pouco. Olhando para a relva verdinha, pôde descobrir duas tenras florzinhas. Uma era margaridinha e a outra não pôde distinguir bem. Eram ainda muito novinhas, tão bonitas... uma branquinha como a nuvem e a outra azul como o céu.

Estava observando as tão miúdas flores quando notou que uma brisa após outra, quando passavam por elas, deixavam-nas trêmulas e surpreendeu o seguinte diálogo. Diz a flor branquinha como a nuvem:

— Você ouviu o que a brisa nos disse ao passar? Que o mundo está confuso!

Ouvi sim — respondeu a florzinha azul da cor do céu. — E ontem ela nos falou que as coisas estão ficando difíceis!

Dona Águia que pretendia seguir viagem, resolveu permanecer ali. "Isto não está certo. Espalhar boatos negativos a tão pequeninas flores. Esta infância precisa ser protegida". E por vários dias ela pôde ver quanto mal a brisa fez àquelas tão pequeninas e delicadas florzinhas. Desceu do galho, aproximou-se delas dizendo:

— Amigas, tenho observado que seus caules tremem, parecem assustados com as notícias desagradáveis que a brisa lhes traz.

Se Deus nos deu esquecimento da outra vida, para sem a influência dela, desenvolvermos nesta existência atual os bons propósitos, o bem, para evoluirmos. Assim também Deus nos deu a infância para nos fortalecermos com bons costumes, sermos educados com alegria, para crescermos fortes, equilibrados e mais tarde colaborar com o mundo sem nos deixar envolver com as coisas negativas. De hoje em diante vou protegê-las.

Dona Águia passou a morar ali, ia mostrando as virtudes, o modo correto de agir, com honestidade, com trabalho, desejando e fazendo o bem aos outros. Assim elas foram crescendo, tornaram-se jovens fortalecidas não dando mais ouvidos às coisas negativas que a brisa trazia. Tinham pena dela agora.

Disse a flor azul da cor do céu:

— Pobre brisa! Só sabe falar o que é negativo e triste.

— É verdade — falou a branquinha como a nuvem. Ela nunca nos trouxe notícia boa, agradável. Da próxima vez que ela aqui passar, vou falar-lhe.

Nisso apontava ela já próxima às flores. Elas aguardaram e disseram:

— Brisa, você quer ser feliz? Passe a falar somente as coisas agradáveis.

Ela arregalou os olhos. Nunca ninguém lhe falara com tanto carinho. Por isso, quis mudar. Cada vez que passava por ali, só trazia boas notícias. Tornou-se a brisa mais feliz.

E dona Águia partiu. Ia de um lugar a outro, sempre protegendo a infância.

INFÂNCIA

382. Durante a infância sofre o Espírito encarnado, em consequência do constrangimento que a imperfeição dos órgãos lhe impõe?

"Não. Esse estado corresponde a uma necessidade, está na ordem da natureza e de acordo com as vistas da Providência. É um período de repouso do Espírito."

383. Qual, para este, a utilidade de passar pelo estado da infância?

"Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo."

(De O Livro dos Espíritos, cap. 7)



Página dos Aprendizes

PROGRESSO

Ubirajara de Oliveira Ramos
— CE Geraldo Ferreira

Nosso burilamento espiritual torna-se muito duro de ser conseguido nesta época em que vivemos. Mas, não é difícil. E, para entrarmos no caminho da verdade será necessário que abandonemos todos nossos vícios, tais como: o álcool, a gula, o fumo, a vaidade e outros, e comecemos a dar amor, pratiquemos a caridade e procuremos ser humildes.

Um dia iremos observar que lentamente este progresso chegará. Pois esta progressão é feita em milímetros.

SILÊNCIO

Ordali Modes Lessio
— CE Geraldo Ferreira

Como é difícil nos contarmos com o silêncio! Raramente conseguimos ficar em um ambiente silencioso por um período longo. Buscamos o som de alguma música, ligamos a TV, cantamos ou conversamos com alguém que esteja mais próximo, mesmo que sejam palavras vazias. O silêncio nos perturba! Talvez porque em silêncio, ficamos mais em contato conosco, nos defrontamos com nossos próprios problemas, e isso é perturbador. Então, fugimos para o mundo exterior, fora de nós, para a agitação, para o barulho.

Buscando aprender a conviver com o silêncio, estamos também buscando nossa própria aceitação. Vamos convivendo com nosso íntimo, nos conhecendo e nos gostando, nos aceitando como somos e procurando modificar o que não pode ser aceito, ganhando gradativamente a paz interior.

EVOLUÇÃO

Antonia Maria de Jesus
— CEAE, Caraguatatuba

O homem está sempre à procura de algo que é a felicidade. Só que esta felicidade está dentro de nós mesmos e aparece quando nos renovamos interiormente. Seguir a lei de Deus é despertar para um amanhã de paz e felicidade.

DESPRENDIMENTO

Maria Adélia Filosi
— CEAE, Genebra

Desprendimento dos mundos materiais não significa o abandono dos bens materiais. Pode existir um rico desprendido e um pobre usurário. O ouro em si não é bom nem mau. Pode-se estar de posse de muitas riquezas materiais, de muitas propriedades, e fazer uso dessas possibilidades para o progresso dos homens e a felicidade de todas as criaturas.

As pessoas nascem para realização de diferentes missões, tarefas, ou para diferentes provações. Situações existem que requerem condições materiais, porém a vigilância não deve ser esquecida. O verdadeiro desprendimento é aquele que não escraviza os homens aos bens materiais, que não deixa de lado o poder de servir, que não esquece a fraternidade que nos nivela a todos, que não permite que a vaidade e o orgulho comandem o coração; é aquele que tudo dá sem nada exigir, é o viver os bens morais em ascensão espiritual.

DEUS EXTERIOR

Marco Antonio Rizzo
— CEAE, Genebra

Para a evolução espiritual da humanidade houve necessidade da apresentação de uma imagem para significar um Deus. Este é um recurso temporário usado pelo homem na caminhada da sua evolução espiritual. Na realidade, Deus encontra-se em todos os lugares, dentro e fora de nós, onipresente.

Iracema Pizarro de Castilho
— CEAE, Genebra

O culto de um Deus exterior vem contra os ensinamentos de Jesus, que exemplificou como devemos nos entregar a Deus e adorá-Lo. Não, através de cerimônias exteriores, e sim, do fundo do coração, fazendo sempre o bem e sendo útil à humanidade.

EDUCAÇÃO

Mauro Soares
— Casa Espírita E. Armond

É através do crescimento individual que se consegue melhorar o coletivo. Na maioria das vezes, as observações que fazemos sobre o comportamento dos outros, é exatamente um reflexo de nosso comportamento.

Na medida em que vamos corrigindo nossas falhas, observamos que as falhas dos outros diminuem, isto porque passamos a ter menos tempo para observar as falhas alheias. E também porque nossa própria conduta facilita ou mesmo melhora o relacionamento do grupo de que fazemos parte, quer no ambiente familiar, profissional, escolar etc.

Além disso, se realmente o nosso companheiro carece de alguma melhoria na sua conduta, é exatamente através de nosso exemplo que iremos auxiliá-lo a elevar-se.

SUPERAR O TRANSITÓRIO

Casemiro Aparecido Stachurski
— Casa Espírita Razin

Quando nos propomos a reencarnar, temos em mente a continuidade da reforma íntima. Então, aceitamos submeter-nos a certas provações que venham nos beneficiar. Porém, quando reencarnamos esquecemo-nos de todos os compromissos, e, convivendo com as tentações terrenas, acabamos revoltando-nos contra as provações por nós mesmos escolhidas.

Quando isso ocorre o espírito retarda sua evolução e certamente reencarna adicionalmente algumas vezes. O caminho da evolução espiritual é, entre outras virtudes, o trabalho, a prática da caridade. Eu, como ser humano reconheço minhas falhas, porém estou orientado sobre minhas responsabilidades como espírito encarnado. Sinto que preciso batalhar muito para atingir o mínimo que considero razoável.

Curso de Médiuns

Edimilson Nobile
CE Redenção, Araraquara

Através das experiências obtidas nos cursos que temos tido oportunidade de coordenar, chegamos a algumas conclusões que poderão ser úteis para o melhor aproveitamento dos participantes desses cursos. Sempre temos procurado seguir as orientações constantes nos livros "Mediunidade" para a parte teórica, mais os fascículos "Psiquismo" e "Cromoterapia", bem como alguma orientação de outra obra que tenha sido citada nesses livros. Quanto à parte prática, ficamos sempre com o livro "Desenvolvimento Mediúnico", todos de Edgard Armond.

Na parte teórica, os problemas têm sido todos equacionados, e as aulas têm apresentado um bom aproveitamento por parte de cada participante, mas o que mais ficou evidenciado é que trabalhando com apenas um expositor, no caso o próprio dirigente, cria-se um ambiente de confiança no grupo, que reflete-se positivamente durante a prática, onde esse clima de confiança entre encarnados, e principalmente entre encarnados e desencarnados é fundamental.

Outra implantação que notamos ser de grande utilidade na formação desse ambiente, é, desde o começo do curso, deixar a sala na penumbra antes do início, e os alunos submeterem-se ao passe de limpeza na entrada. Após a formação desse ambiente onde prevalece a confiança, o grupo começa a soltar-se e cada um consegue então auto-analisar-se quanto aos fatos, fenômenos e dúvidas que muitas vezes vêm sentindo há muito tempo, talvez até muito antes da frequência a um centro espírita.

O que se torna mais difícil para a compreensão do pessoal é justamente como despertar para o senso de responsabilidade que o médium tanto necessita confirmar, pois o esquecimento pela reencarnação é um ponto forte de apoio inconsciente para a fuga do trabalho.

Já na parte prática, que é exatamente onde o aluno vai experimentar e sentir tudo aquilo que é falado na Escola de Aprendizes e na teoria do Curso de Médiuns, temos tido muita felicidade em trabalhar com uma equipe espiritual que está perfeitamente enquadrada dentro do método de cinco fases, proposto no livro "Desenvolvimento Mediúnico". Os resultados que têm sido alcançados nessa parte da prática são muito significativos, e possibilitam cada vez maior clima de amor durante esses treinamentos.

Mas, o que mais nos deixou entusiasmados nesse trabalho foi justamente a parte de formação das correntes para o treinamento com espíritos sofredores, vibrações para curas, e os contatos mais aprofundados, pois, adotando o sistema de trabalho, com várias correntes, tivemos um aproveitamento excelente, e sem ocorrência de nenhum problema durante o transcorrer do trabalho por várias semanas.

O trabalho desenvolve-se após a formação das correntes de no máximo oito e no mínimo cinco participantes, nomeando-se um dirigente para cada grupo. O número de correntes tem sido três em um mesmo salão, com o dirigente do curso coordenando todo o trabalho. Cada dirigente de grupo é orientado como proceder no caso de algum envolvimento fora do espaço aberto àquele grupo, pois cada corrente recebe o seu espaço num revezamento uniforme nos treinamentos.

Se algum médium sente-se envolvido e seu grupo não está com espaço aberto para manifestação, há um trabalho de projeções sobre o médium e despertamento do grupo para a firmeza, no sentido de se conseguir o auto-domínio pelo médium e a confiança de todo o grupo, não deixando assim que se realize a manifestação em momento não autorizado.

No andamento normal dos treinamentos, cada grupo tem a sua oportunidade de trabalho, levando-se os casos para atendimento de acordo com a necessidade de cada caso, enquanto que os outros dois grupos permanecem concentrados e em vibrações para o ambiente. O que há de mais importante nesse caso é a estabilidade do ambiente, conseguida através da auto-confiança que cada um dos participantes demonstre nesse contato dos dois planos.

A partir dos resultados que cada um vai obtendo durante o andamento desse treinamento, evidencia-se o que dissemos anteriormente, isto é, verifica-se na prática o que é falado na Escola de Aprendizes, pois sente-se então que a reforma íntima é realmente o caminho para a nossa redenção.

O Bem e o Mal

Uma criança chegou diante de um regato e baixou-se para matar a sede.

O mal tomou a forma de uma borboleta e adejou sobre as águas, para fazer com que a criança ali caísse.

O bem tomou a forma de um raio de sol, e brilhou quente sobre a borboleta, fazendo com que ela dali se afastasse.

...

O lenhador pegou seu machado e saiu para o trabalho todo sorridente.

O mal tomou a forma de uma serpente e preparou-se para atacar o homem.

O bem fez-se pensamento de prece, e assim afastou o mal que não gostou do que ouvia.

...

O moço entrou no bar para beber um gole.

O mal tomou forma colorida e irisou o cálice com suas cores, para tornar a bebida mais apetitosa.

Chegou o bem, que, tomando a forma de uma mosca, desceu sobre a bebida.

O moço enojado, saiu sem beber.

...

O aluno estudava atentamente.

O mal tomou a forma de um raio de luz e, dançando sobre o livro, distraiu a atenção da criança.

Veio o bem, e atuando sobre o menino, fê-lo ver notas luminosas e ele voltou a estudar.

...

A mulher preparava o enxoval do bebê, toda feliz.

O mal fê-la pensar nas dificuldades, e ela se entristeceu.

Chegou o bem, e feliz, mostrou-lhe o sorriso de uma criança e seus bracinhos rosados abraçando-a, e ela, afastando os maus pensamentos, deixou-se envolver pelas ondas do amor.

...

Chegou o marido do trabalho, e a família preparou-se para jantar.

Veio o mal, em forma de pensamentos negativos e procurou contaminar, em forma de briga, os alimentos ali apresentados.

O bem, pela boca de uma criança, fez uma pergunta inocente, fazendo-os rir, anulando assim o desejo do mal.

...

Portanto, onde o mal estiver presente, tenhamos a certeza de que o bem será sempre o anteparo a nos auxiliar a modificar a situação, conduzindo-nos a novos pensamentos e orientando-nos para caminhos seguros, se soubermos orar e vigiar. (Página de autoria de Antonio da Costa, psicografada pelo médium Margarida Benégia, do CE Geraldo Ferreira).

O TREVO

N.º 167 — JANEIRO/88

REDAÇÃO

Rua Genebra, 168
São Paulo

Fone: (011) 37-5304

Diretor-geral da Aliança
Espírita Evangélica:
JACQUES A. CONCHON

Jornalista Responsável:
VALENTIM LORENZETTI